

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

EDITOR:

Alcindo Dias Pereira

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

DIRECTOR:

Vitorino Simões Lopes Sampaio

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165— Composto e impresso na Tipografia de A TRADIÇÃO: Rua Miguel Bombarda—FAFE

SIBI IMPUTET!...

Em passado artigo, terminei algumas ligeiras considerações com a afirmação de que grande parte dos males, que afligem a Igreja católica, entre nós, aos seus dirigentes e mentores, devem exclusivamente atribuir-se. A's ordens monástico-militares deveu o Portugal medievo uma grande obra de colonização e arroteamento do solo tomado ao Mouro. Na epopeia das Descobertas, quando *dilatavam a fé e o império*, o proselitismo cristão espiritualizava o mercantilismo, ás vezes ávido, que nos levava mares em fóra...

Aos jesuítas devemos muito da obra de colonização do Brasil e até uma forte impulsão no movimento da nossa restauração nacional.

Mas, o monopólio do ensino, que eles conseguiram deter em suas mãos fêz cristalizar a mentalidade portuguesa nas normas rígidas da filologia escolástica. Essa obra torcionaria das inteligências completou á maravilha a do terror, que os dominicanos levaram a cabo, servindo o tribunal da inquisição, com que um rei *piadoso* quiz manter pelo fogo, a unidade nacional sobre a unidade da fé...

E, fechado o parentesis da reacção tirânica do Marquez, abriu-se o período beato do Portugal da senhora D. Maria I e do Senhor Arcebispo de Tesalónica, com os seus lausperenes, as suas procissões e novenas, os amores freiráticos, as modinhas ao cravo, os franças e estafermos, os criados pretos e uma raté fanatizada na veneração servil aos senhores e ás cunhas privilegiadas.

A reacção contra as ideias novas de Liberdade, que começavam a vir-nos do Norte, fez-se em nome da religião. Os li. erais foram maçons e pedreiros-livres e, sempre que puderam haver-se ás mãos, em vez da persuasão da catequese, substituíram-se as fogueiras do Santo Officio, que o Marquez apagára, pelo barão das forcas, que sem descanso trabalharam no Campo de Sant'Ana e na Praça Nova, para só falar nas que bracejaram, sinistras, nas praças das duas capitais.

A Igreja Católica cometeu o erro grave de se bandear pelo Absolutismo contra a Liberdade. Acicatou os ódios; prégou a guerra santa contra os *herejes*.

O panfletário truculento da causa anti-liberal, foi um padre — José Agostinho de Macêdo — o ferocíssimo energúmeno dos "Burros" e da "Besta Efolada", que prégava o morticínio das mulheres peçadas dos liberais para impedir que nascessem os filhos *ja ferretados dos vícios da malhadice*...

Emquanto os precursores da Revolução de 20 esperneavam nas forcas da Praça Nova, os frades loífos, assistindo á execução das janelas do seu convento fronteiro, gargalhavam

alto e regalavam as pessoas, a quem tinham oferecido o goso do espectáculo miserando...

D. Miguel foi quasi santificado em vida. A multidão fanatizada adorava-o, repetindo em extase as quadras fradescas:

«Cantam as aves nos bosques,
os canários no viveiro,
cantam os anjos no céu:
—Viva D. Miguel Primeiro!»

E os bandos de caceteiros, em que os frades muitas vezes tomavam parte, batiam o compasso nas costas dos *malhados*, suspeitos de *francesia* ou de simpatia pelas ideias liberais.

O resultado estava previsto.

Triunfante, afinal, a causa da Revolução, o regime-novo trouxe dentro de si um sentimento de ódio e de perseguição contra a Igreja, que tão inabil e, ás yêzes, tão desumanamente combatera a sua causa na adversidade.

Os conventos foram fechados, os frades expulsos, as congregações suprimidas e os bens da Igreja confiscados com mão severa.

A própria paz fez-se depois numa base de regalismo quasi cezarista, o Estado chamando a si a distribuição dos benefícios eclesiásticos pelos sacerdotes, que lhe eram simpáticos e submissos e fazendo da Igreja, na sua mão, um instrumento político, numa submissão, que parece ser da essência do regime monárquico, a avaliar pelas doutrinas de Maurras, o Maurras agnóstico, ateu, que quer uma unidade política sob o domínio da realeza, tendo a Igreja católica ao seu serviço...

Apezar da dura lição, os mentores da igreja reincidiram no erro. Esta submettera-se; os prelados tinham assento na Camara dos Pares; as eleições faziam-se nos templos e os abades e priores *caciavam e galopinavam* furibundos contra os partidos mais liberais da monarquia e contra o partido republicano, para quem resuscitavam a fraseologia antiga da maçonaria, da *pedreira* e todo o rosário das injúrias, que nos jornais católicos os diversos Padres Matos bolsavam todos os dias contra as ideias republicanas e os seus corifeus e propagandistas mais prestigiosos.

Quando, sobre os cadáveres da tragédia do Arsenal se tentou, por parte de alguns servidores mais inteligentes da Realeza erguer, e organizar uma *monarquia nova*, liberal, tolerante e que fosse ao encontro das reclamações mais instantes do movimento democrático, que começava a engrossar em torrente, eles gritaram mais alto que ninguém, acaudilharam a resistência a essa política liberal e levaram o rei, ostensivamente, de opa de irmão do Santíssimo, a pegar ás va-

ras do pátio numa procissão em Mafra.

Quando a Republica se fêz, o ultimo governo monárquico, aliás condenado irremessivelmente pela camarilha palaciana e clerical, andava já a fechar conventos e a prescrever algumas das ordens congreganistas não legalizadas.

Proclamada a Republica, a resistencia clerical não afrouxou. Ao novo regime quiz logo de entrada negar-se o direito ao *beneplacito*, instituido em favor do Estado desde os tempos medievais de D. Pedro I, e pelas igrejas do país e (ainda não decretada a separação), leu-se, em tom de rebeldia, uma pastoral dos bispos, condenatória do espirito reformador da legislação republicana.

Em todos os levantamentos á mão armada por esse Norte, entraram padres e alguns bispos se conclavaram em conjuras.

A Republica foi, para eles, o poder usurpador, com que se não podia pactuar e que era preciso excomungar e varrer como uma abominação. E a plenos pulmões se gritavam hinos de significado ambiguo:

«Queremos Cristo, que é nosso rei»...

E a Reacção intransigente prestava ao país o pessimo serviço de fazer degenerar a democracia nascente, por vezes, numa demagogia irada e turbulenta, respondendo com violencia exagerada aos ataques que lhe dirigiam.

Ha muito que os mentores da Igreja em Portugal teimam em fazer dela um instrumento de reacção. No liberalismo foi absolutista; na republica é monárquica.

E' certo que veém de Roma as indicações duma politica nova de indiferença, não subordinando a instituição eterna da Igreja ás contingências históricas das formas de Governo.

Não se limitando a dar a Cezar o que é de Cezar, pretende-se e proclama-se que todo o poder é respeitável e sagrado. *Omnia potestas a Deo*...

Mas os homens da Igreja portuguesa obedecem á *contre-coeur* e mantêm-se anti-republicanos e anti-liberais por vício de educação, por teimosia, por contumacia e ancia de mandar.

Eles e a Universidade de Coimbra — irmãos gêmeos — têm servido e dado braço forte a todas as opressões. Nuns e noutra se encontram sempre os seus melhores servidores e os seus valores mais representativos.

O resultado é lamentavel, mas impossivel de evitar. Os ódios criados não se apagarão facilmente e as represálias não-de-vir, sem proveito para ninguém. E assim o creio, porque repito que, não sendo católico praticante e muito menos clericalista, reconheço a vantagem e o alto preço do verdadeiro sentimento religioso na vida social.

...Nestes ócios de férias, reli há dias a *Illa dos Pinguins*, do Mestre Anatole, e nesse livro graciosissimo encontrei uma

AOS NOSSOS ASSINANTES BICOTILHANDO...

Por motivos contrários á nossa vontade, não foram publicados três números de «A Velha Guarda», pelo que vimos pedir desculpa aos senhores assinantes, a um tempo que lhes participamos a sua regular publicação de futuro. Como a cobrança da assinatura se fará por números, entendemos que os nossos presados assinantes em nada se sentirão prejudicados e continuarão a honrar-nos com o seu auxilio e leitura.

Antecipadamente, agradecemos reconhecidos.

passagem, que me impressionou e que traduzo, porque talvez ela cause impressão identica em muitos leitores:

—«Meu carissimo Cornemuse, exclamou o piedoso Agaric, o processo Pyrot, levado ao ponto, a que saberemos conduzi-lo com o auxilio de Deus e os fundos necessários, produzirá o maior dos bens. Porá a nú os vícios da republica anti-cristã e disporá os Pinguins a restaurar o trono dos Dracónides e as pregativas da Igreja. Mas, para isso, é preciso que o povo veja os seus levitas na primeira fila dos seus defensores. Marchemos contra os inimigos do exercito, contra os insultadores dos herois, e toda a gente nos seguirá».

—«Toda a gente será demais, murmurou, abanando a cabeça, o religioso dos Conils. Vejo que os Pinguins têm vontade de guerrear. Se nos metemos na guerra, eles reconciliar-se-hão á nossa custa e nós é que pagaremos as despesas da contenda. E por isso, acredite-me, carissimo Agaric, que não deve meter a Igreja nesta aventura...»

Agaric teimou não ouvindo a voz da razão. «Furiosos de terem sido covardes e de se terem deixado enganar e escarnecer, os republicanos voltaram-se contra os monges e os curas; os deputados fizeram contra eles leis de expulsão, de separação e de espoliação. Sucedeu o que o Padre Cornemuse tinha previsto. Esse bom religioso foi expulso dos Conils. Os agentes do fisco confiscaram os seus alambiques e as suas retortas e os liquidatários repartiram entre si as garrafas do licor de Santa Orberosa. O piedoso destilador perdeu 3 milhões de rendimento anual que os seus produtos lhe davam. O Padre Agaric tomou o caminho do exílio, abandonando a sua escola a mãos laicas, que a deixaram periclitár, separada do Estado-ama, a Igreja da Pingofnia secou como uma flor cortada»...

Marques Guedes.

Do «Primeiro de Janeiro».

Segundo correspondencia de Braga para «O Primeiro de Janeiro», dez regedores e dez comissões administrativas das juntas de freguesias do nosso concelho, depuseram nas mãos do Snr. Administrador os respectivos mandatos, por não desejarem colaborar com quem nenhum interesse tem mostrado pelas necessidades concelhias...

Foi nomeado para novo Juiz desta comarca, o snr. dr. Raul Cunha, genro do actual presidente da C. A. da Câmara.

Ainda bem que se não enganaram na escolha, porquanto revela a consideração que os altos poderes tem por pessoas de Guimarães e lhes testemunham, assim, o seu indelevel reconhecimento...

Segundo correspondencia desta cidade para o «Comercio do Porto», continuam com afam as obras do Museu Alberto Sampaio, dirigidas pelo illustre arquiologo, sábio vimaranense e um dos mais conhecidos escritores portugueses, Snr. Alfredo Guimarães.

Parabens ao solícito correspondente.

Continua em estudo, o projecto de obras que a actual Comissão Administrativa pensa levar a efeito, ali, no terreiro de S. Francisco...

Oxalá que isso fosse por diante o mais depressa possível.

A C. Administrativa matava dois coelhos duma caçada...

Amór, a quanto obrigas...

Pobres «caçapos»

Por nota officiosa fornecida á Imprensa pelo governo da ditadura, aos «caçapos» portugueses foi fixada residencia nas ilhas adjacentes por «perturbarem constantemente a ordem, dizendo-se defensores da situação», motivo que os levou á debandada e a recolhêrem-se á sua insignificância—o que em nada nos admirou por os sabermos minúsculos e rasteirinhos...

A INSTRUÇÃO adentro da República

«Diferenciar-se a fundo daquilo que existe, tornar belo, moderno, progressivo, eminentemente útil e prestigioso a missão do professor primário — eis o que queremos.»

Dr. Antonio Sergio.

É sabido que o problema da instrução preocupa verdadeiramente todo o espírito liberal, porque é a beleza dos princípios democráticos, em toda a sua progressividade e prestigio.

Formar cidadãos conscientes, incapazes de se embrenharem na treva de doutrinas utópicas ou reaccionárias, criar homens aptos a fixar o sentido da vida, libertando-os de tentações que os tornem degenerados e servis — eis a função do ensino adentro da República e o único caminho a seguir com rumo bem orientado.

É um maravilhoso recurso educativo, um treino para a vida e aquela certeza que nos advém de que, no futuro, os destinos da Pátria ficarão bem entregues, quer moral quer inteligentemente.

Nem outra coisa é de esperar desde que saibamos preparar a criança, ministrando-lhe uma instrução que seja «um meio admiravelmente apto para a exacerbação das suas más inclinações naturais» e produzindo um sistema que repudie a imbecilização que sempre tentam ressuscitar no país, criminosa e monstruosamente.

Há que exercer, pois, uma acção defensiva da sociedade, de tal forma dominadora e decidida, que, sem mandinga ou disfarce, permita um seguro início duma educação pre-profissional, despresada, as incongruências e inutilidades que se nos deparam como fórmulas abstractas e emparvecedoras.

Escreveu Gastão Sousa Dias que somos um povo inteligente, mas inculto, de carácter deturpado pelo abuso da memória, por uma disciplina cruel, pelas práticas devotas, anulando a razão e a ânsia de experiência — sistema educativo tenebroso que nos apoucou e deminuiu.

Nada mais verídico.

Influência extranhas se têm exercido como uma intoxicação, e um mal provado alastra pelos espíritos como uma doença terrível e incurável, astuta e velhaca.

Em face de tais tendências, como eliminar essas influências e debelar esse mal?

Chegou o momento do: **quem não é por nós é contra nós**...

O professorado tem a estricte obrigação de conhe-

cer o seu papel adentro duma Democracia, de saber combater a decrepitude moral em que se debate a sociedade portuguesa e de contribuir, por todos os meios, para a construção do novo edifício social que projectamos e a todo o transe desejamos ver erguido.

Ele é, na República, o facto donde irradia toda a luz que vai incidir nas futuras consciências e o centro em torno do qual gravitam a nobreza de sentimentos e a riqueza de esforços que nos relevam e engrandecem.

Um professor deve substanciar tudo: o belo, o moderno e a utilidade.

É inadmissível que a função do Mestre seja a de **ambicionar dois ordenados** e que a instrução da criança lhe pareça coisa de somenos importância, flagelando-a com teorias extravagantes e esquisitas que só servem para estabelecer confusão e estonteamento.

O professor deve reunir os predicados dum cidadão bem formado, tem de ser, o pára-choques duma civilização defeituosa, vencida á face dos seus erros.

Pois bem: quando é se desvia da função para que foi criado, quando renega os princípios perfeitos e aldraba os que a consciencia humana baniu, como prejudiciais e nocivos, e se julga no direito de servir, não o Estado que lhe paga, mas as seitas daninhas, o mal-ruim que se arraigou na sua intelligência tacanha e mediocre, a nossa missão, o nosso dever é o de afastá-lo do cargo que lhe confiamos.

Para nada serve e de nada vale.

Os seus ensinamentos são a antítese do que significa a palavra Democracia — o belo, o moderno e útil, — e a sua Moral é tão dogmática como toda a Moral das seitas negras que na ignorância encontraram terreno cabonde para as suas maquinações, dessas seitas burguesas e religiosas que são o entrave de toda a marcha do Progresso e a Treva de toda a Luz.

L. Coelho.

Este número foi visado pela Comissão de Censura DE «A REPUBLICA»

«A Republica, se quiser sê-lo de verdade, precisa de correr, de chicote em punho, todas as bolsas que se abram em holocausto piedoso (!!!) aos interesses gerais (?) dos... particulares. O homem da finança, dos mil negócios, é como o estômago: só dá depois de receber; e, mesmo assim quando dá, é para tornar a receber, pela vida fóra, o capital e os juros que nunca se acumulam, porque tudo absorve, porque é insaciavel».

CONTRIBUIÇÕES DO ESTADO

Que faz a Câmara e qual a atitude da Associação Comercial?

Do «Comercio do Porto», em carta de 17, de Leiria, transcrevemos o seguinte:

«Os povos do concelho de Peniche, deste Distrito, reclamaram junto do governador civil, Sr. Dr. Antonio Manuel Pereira, contra as contribuições que lhes foram lançadas no corrente ano. O chefe do distrito, sempre atencioso e prestável e de um grande respeito pela justiça, apresentou a reclamação ao Sr. ministro das finanças, obtendo que o factor 2,86 que tinha sido indicado, fosse alterado para 1,357»

Como se depreende pela leitura da noticia, os nossos amigos de... Peniche foram atendidos na justa reclamação que apresentaram, fundamentados no direito e na justiça que lhes assistiam.

Pagam o que é rasoavel, e que nos conste, não gastaram o seu rico dinheirinho em festas e fórróbódó para cair nas boas graças...

E os povos de Guimarães?! Teriam caído no desagrado dos nossos governantes?

Pobre e infeliz terra!

Primeiro, lá te levaram o regimen o; depois, o curso complementar do Liceu...

Mas, de quem é a culpa?!

A culpa não é tua, não! A culpa pertence áquelles que têm tripudiado do teu civismo e da tua abnegação.

Orientada pelo tio Antonio, pelo da ópa e vara, e quejandas nulidades que só se sentem bem a dormir, e a fazer negaças a quem dêles confia, não pôde, é bem verdade, ser atendida em suas pretensões...

Dum lado, os que se dizem mandatários dum povo dum concelho; do outro, na Associação Comercial, o eleito pelas «mulas de reforço», o célebre João Rocha, com toda a sua cara estranha de bacôco e de homem de contas ao pescôco, a alardear uma competencia que não tem e um zêlo que, a comparar pelo mostrado a quando se dizia Sidonista, pôde redondar numa Traição como a que quiz provocar quando os monárquicos deram o assalto... dos 25 dias.

Como has-de ter quem olhe por ti? Como leares as tuas reclamações aos altos poderes, se os teus orientadores pouco mais além vão do que o significado dum zero?

Como defeni-los?

Quanto a nós, diríamos como o Sr. Brito Camacho:

«Abram-lhes a cova bem redonda, porque são nullos, e a sepultura dum nullo deve ter a forma dum zero».

A VOZ DO OPERÁRIO

Num rasgo sublime que nobilita os seus principios de democracia que orienta e norteia as atitudes e procedimentos dos homens que a compoem pretende a direcção deste jornal que alguém, interpretando as aspirações dos humildes e servindo de fio de ligação dos republicanos e operários desta terra, mantenha uma secção onde seja exposta, com toda a clareza, a tristissima situação em que actualmente se encontram as classes productoras, onde se diga francamente a origem do mal que as tortura e se apresente o esboço dum programa minimo de possível reforma social, dentro dos muros deste concelho.

Esse alguém fui eu; foi a mim que o convite se fez. Aceito-o de bom grado, sem quebra de principios fillosóficos, na única intensão de ser útil aos meus irmãos do sofrimento. Das consequências do que nesta secção for tratado simplesmente quero que, para mim, venham as responsabilidades perante a lei e perante os atingidos, se os houver; os beneficios irão para aquêles em nome dos quais me apresento e escrevo. Mais claro: para que se não façam calculos errados, para que me não tomem com intensões reservadas, desde já declaro que não pretendo salientar-me para tirar partido de qualquer natureza em retribuição do meu sacrificio. Logo que eu reconheça que gregos ou troianos tentam por isso distinguir-me de qualquer modo, recolherei á minha insignificância.

Serei intransigente, serei brusco, para com os maus; terei palavras de carinho e de louvor para com os justos.

Podem, pois, contar com um inimigo irredutível, contar com um adversário, mas um adversário leal, adversário que, como tal, tem hombridade de se apresentar, aos inimigos do operariado, dos socialistas e das liberdades publicas. Contém, porém, com um amigo capaz de dar o sangue do braço áquelles que reconheçam no trabalhador um seu semelhante, um ser humano digno do respeito, da consideração e dos direitos que para si desejam.

Fiquem todos certos de que esta pena jámais se deixará vencer ainda que perigue a posição social de quem a maneja. É deste modo, falando com dessassembro, que se verifica quem se expõe, quem se bate denodamente por uma causa e quem ainda se não deixou raptar. Se há aí alguém que deseje secundar-me, que apareça mas pronto a morrer ou a triunfar na refrega.

Sim, para levar por deante esta espinhosa missão não basta o meu simples esforço, não basta a minha energia já um pouco gasta pelo trabalho e pelos desgostos. É preciso que me secundem, que me auxiliem, que me amparem, os velhos e novos militantes da causa operária e socialista, quer fazendo propaganda no meio da massa anónima, quer informando-me dos problemas mais urgentes a tratar. Sim, é preciso que a classe operária se una, se organize política e economicamente; seja uma força e se transforme do nada em uma forte corrente de opinião na qual possa apoiar-me quando a defenda.

É necessário que todos se compenrem de que não são estas simples balas de papel ou os mastros e taboletas das as-

Arquivo... sem comentários

NOTA OFICIOSA

«O sr. Administrador do concelho demitiu alguns regedores das freguezias de Guimarães por conveniência pública».

DO «EL SOL»

«Se um regimen ditatorial, republicano porém, satisfaz tão plenamente os monárquicos portugueses é porque estes reconhecem que não é necessária a monarchia para bem governar o país».

ANTROS

Não sabemos o que faz a policia!

Pela cidade, passam-se ás vezes coisas que são do dominio público e que a policia desconhece, apesar da sua gravidade e da repulsa que a população cidadina sente pela sua execução ou prática.

Não sabemos o que faz a policia!

Pululam os gatunos por tavernas que são verdadeiros antros, roubam quem nelas entram, ha cumplices, autores e vítimas, e de nada a policia deu conta ainda, nada presenciou ou viu, tão integrada ela está no seu papel de guarda da segurança pública, tão intangível se julga ou considera.

Mas, então, a vida e os haveres do cidadão pacífico devem estar á mercê de qualquer fiel patife? Não ha maneira de reprimir os abusos que se vêem cometendo a todos os momentos? Não ha possibilidade de fechar essas baiúcas — pasto do crime — e de acabar com quadrilhas de autênticos gatunos que a policia julga não existir?...

A função do jornalista não é verdadeiramente a do policia; mas, francamente, ás vezes dá vontade de denunciar o próprio corpo de segurança publica para lhe abrir os olhos, visto que julga entrar em casas sérias quando de sérias só têm os móveis.

Voltaremos ao assunto.

sociações e centros políticos que transformam a organização social presente. Quer umas quer outras apenas traduzem ou interpretam o que vai na alma daquêles que se acobertam sob a sua bandeira ou dão impulso e coragem aos seus jornalistas. A força neste caso vem de baixo para cima e não de cima para baixo. O respeito que os adversários nos têm está em relação á força que representamos. Para que muito nos respeitem e nos considerem é preciso que o nosso ponto de apoio seja forte.

Por isso, rapazes, já que a direcção deste jornal nos cede este reduto, vamos lá, vamos trabalhar denodamente para que melhorem as condições económicas dos modernos escravos...

Ederiva Crosta.